

A Igreja Nova Apostólica

A Igreja Nova Apostólica (INA), com os seus cerca de 370 mil membros, é, na Alemanha, a maior das comunidades cristãs não-oficiais. Tem muito mais membros do que a soma de todas as Igrejas evangélicas livres. A nível mundial, há cerca de 11 milhões de pessoas que confessam pertencer à fé neo-apostólica. Só entre 1988 e 1998 duplicou o número de membros. Na África central, há um desenvolvimento muito grande da INA, mas também nos países da Europa de Leste ela leva a cabo uma forte actividade missionária. Na Alemanha, Áustria e Suíça, os números têm estagnado, se não mesmo diminuído.

Visão histórica e actualidade

As raízes da INA vão até à Inglaterra do século XIX, numa altura em que, nos anos 20, havia fortes movimentos de despertar religioso. Sob a impressão da Revolução Francesa ou das consequências da industrialização inglesa, cristãos empenhados reuniam-se em muitos lugares para reflectir sobre as crises do seu tempo à luz da Bíblia e num clima de oração. Foi assim que nos anos 30 do sec. XIX surgiram as “Comunidades católicas-apostólicas”. À semelhança dos Mormons, que surgiram nos Estados Unidos da América mais ou menos na mesma altura, estas comunidades compreendiam-se a si mesmas como “restauração da obra salvadora de nosso Senhor”, como verdadeira Igreja de Cristo dos últimos dias. Entre 1831 e 1835 foram chamados os 12 apóstolos. Reinava a ideia de que a “verdadeira Igreja de Cristo” devia ser orientada de novo pelos apóstolos, e esperava-se diariamente a segunda vinda de Cristo. Depois da morte de três apóstolos em 1855, surgiu o conflito de saber se se deviam chamar novos apóstolos ou se se aguardava antes o desenrolar dos acontecimentos.

As discussões conduziram, em 1863, em Hamburgo, à cisão da “Missão geral cristã apostólica”. Desta raiz surgiu mais tarde a “Comunidade nova apostólica” ou a “Igreja nova apostólica”.

A história da INA está marcada desde o início por grandes conflitos de ordem doutrinal. Mesmo já em pleno século XX, cisões frequentes no seio da INA deram origem a novos grupos e comunidades. Nenhuma outra comunidade cristã não-oficial sofreu tão numerosas cisões.

Durante muitos anos, a INA viveu num isolamento de opção. Esta imagem mudou muito nos últimos anos. A partir de 1995, devido a reformas internas, à crítica frontal de desertores e ainda às possibilidades de intercâmbio e de informação criadas pela Internet, desencadearam-

se surpreendentes processos de abertura. Há que reconhecer que a direcção da INA mudou a sua política de informação. Nos últimos dois anos, realizaram-se muitos serões de informação com transmissão para o mundo inteiro, em que a abertura da INA se pode verificar. Todos os documentos estão disponíveis na internet (em alemão: www.nak.org; ou em português: www.igrejanovaapostolica.org).

Doutrina

A INA compreende-se a si mesma como “continuação da Igreja primitiva”. Do ponto de vista da INA, a verdadeira Igreja de Cristo está ligada ao ministério do apóstolo. Para a INA, os apóstolos são necessários à salvação, para preparar os fiéis para a esperada segunda vinda de Cristo.

Segundo a compreensão neo-apostólica, a salvação é oferecida pelos apóstolos de modo especial aos membros da INA. Esta convicção é fundamental para a identidade teológica da INA e nisso se separa das Igrejas ecuménicas, segundo as quais o ministério apostólico bíblico está ligado ao envio do próprio Jesus Cristo e limitado a um determinado tempo. Segundo novos documentos, ao “apóstolo maior” é atribuído o poder-chave do “anúncio da nova revelação do Espírito Santo”. Os críticos vêem aqui um ponto fraco da INA, pois os apóstolos são leigos, sem qualquer preparação teológica especial. Falta-lhes, pois, com frequência, um tratamento aprofundado dos textos bíblicos, e algumas interpretações parecem arbitrarias. A direcção da INA parece ter reconhecido o problema, e, nos últimos tempos, oferece uma preparação teológica aos seus ministros e estimula a consulta de literatura especializada.

Característico da INA é sobretudo a convicção de que Jesus Cristo vai voltar de novo à Terra – para uns como salvador, para outros como juiz. Segundo a actual doutrina da INA, há duas “segundas vindas”: uma vez para levar consigo a sua “noiva”; a segunda vez para instaurar o seu Reino de paz. As duas juntas constituem a primeira ressurreição, na qual tomarão parte não só as almas “seladas” (pelo “santo selamento”) como membros da “noiva” (quer dizer, a INA), mas também aqueles que durante a grande confusão se confessarem por Cristo, isto é, os mártires. Depois do Reino de paz vem o juízo final, no qual Deus retribui com justiça a cada um segundo as suas obras. De todos os modos, ainda no Juízo final Deus oferece salvação. A INA sublinha assim a soberania de Deus, que até na sua tomada da “noiva” permite excepções e pode dar a salvação até a pessoas que não são membros da INA.

Em Janeiro de 2006, num dos seus serões de informação, a INA relativizou a sua teologia de salvação, até agora absolutamente exclusivista, ao formular uma aceitação do baptismo das outras Igrejas cristãs. Mas a INA continua a distinguir entre o baptismo de água (“comunicação fundamental da graça do Deus Trino”) e um baptismo no Espírito (“Santo Selamento”), que acontece só e apenas pela oração e imposição das mãos de um apóstolo. A importância do Selamento torna-se claro pelo facto de ser visto como o terceiro sacramento, ao lado do Baptismo e da Santa Ceia.

Se esta aproximação da INA é um sinal positivo, temos que afirmar que a INA continua fixa em doutrinas “sectárias”, que não nos permitem considerá-la uma das Igrejas livres. São fundamentais as diferenças teológicas na sua compreensão da Igreja e do ministério ou na sua prática de administração de sacramentos a mortos, na pessoa de alguém que os represente. Ao longo de vários anos decorreram em Baden-Wuerttemberg conversações não oficiais entre representantes da INA e representantes da Associação das Igrejas Cristãs (ACK). Dessas conversações saiu uma “Orientação” para lidar localmente com a INA (<http://www.ack-bw.de/dateien/NAK-ACK.pdf>). No entanto, continua a ser válido o seguinte: não há qualquer conversação com a ACK no sentido de um requerimento de admissão por parte da INA. Para já, é importante conhecer-se melhor a nível local. Não há qualquer comunhão eucarística com a INA. Não são possíveis celebrações nem bênçãos em conjunto.

O ministério do apóstolo

A nível mundial, a INA tem actualmente em exercício cerca de 360 apóstolos. O colégio apostólico está estruturado de forma hierárquica: no cume está o assim designado “Apóstolo maior”, com sede em Zurique. Cabeça da Igreja é Jesus Cristo, por isso o “apóstolo maior” é “cabeça dos apóstolos”, e é a “máxima autoridade espiritual”. O seu ministério e a sua palavra gozam do maior prestígio. Durante muitos anos, o “Apóstolo maior” era tido como “representante do Senhor sobre a Terra”. A partir de 1998, deixaram de usar esta designação, e têm procurado dar uma descrição mais diferenciada do ministério.

Nos anos 1950, esta problemática do ministério superior tornou-se muito clara: em 1951, o Apóstolo maior Johann Gottfried Bischoff, de 80 anos de idade, anunciou que Jesus Cristo voltaria ao mundo ainda durante o seu tempo de vida. Esta mensagem não foi entendida apenas como manifestação de uma esperança pessoal do apóstolo maior mas considerada como verdade de salvação. Quem manifestou reservas na sua aceitação foi rejeitado. Hoje pode dizer-se que esta mensagem infeliz trouxe muita confusão e sofrimento. Em

consequência, houve exclusões e divisões em várias comunidades. Quando Bischoff morreu, em 1960, a direcção da INA passou rapidamente para os temas da ordem do dia. Mesmo sendo claro o erro de Bischoff, nas comunidades continua a valer a convicção: “Estamos convencidos que o Apóstolo maior não errou”. É de notar que o grupo de trabalho “História da INA”, no seu relatório de 1997, ignora o escândalo da mensagem falsa do Apóstolo Maior de então.

Avaliação

Nos últimos anos verifica-se na INA uma clara abertura ecuménica. Isso nota-se por exemplo no facto de a Assembleia Geral da INA usar a tradução bíblica de Lutero de 1984, ou na equiparação do texto do Pai-Nosso ao texto da Igreja Evangélica Alemã. Apesar disso, de um ponto de vista cristão, há que sublinhar alguns problemas.

A praxis de um ministério apostólico contemporâneo é questionável, porque não tem qualquer fundamento nos textos bíblicos.

De grande importância para a INA é a sua estrutura organizativa de uma família de fé, em que cada um tem o seu lugar e a sua tarefa. Mas os críticos e os dissidentes têm denunciado, sobretudo a partir dos anos 90, que a INA “vigia, controla e oprime” os seus membros. O carácter “familiar” da INA é experimentado de maneiras diferentes: de forma positiva como experiência de comunidade cristã e de compromisso; de forma negativa, como forma de controle e de pressão autoritária. Dissidentes relatam os duros conflitos a que pode conduzir a ligação interior com a INA. Criticam que a maneira de a INA transmitir as suas mensagens se torna num problema exterior e interior para muitos crentes, e fazem a experiência de que muitos portadores de ministério que não sigam à letra as indicações dos Apóstolos foram “postos na ordem”.

A pretensão de salvação exclusiva e a espera da vinda breve de Cristo sob a forma de ameaça (como juiz universal) têm igualmente provocado conflitos permanentes. Pois, segundo a compreensão da INA, o baptismo apenas serve de base a uma “primeira aproximação” a Deus. Só com o sacramento neo-apostólico do “santo selamento” o crente nasce de novo da água e do Espírito. Só em conjunto estes dois sacramentos transmitem a filiação divina. Assim, indirectamente, não é reconhecido o valor do baptismo de todos os outros cristãos como sacramento de filiação divina.

O sacramento do “santo selamento” e o exclusivismo de salvação em ligação com a visão escatológica levam a ver a INA como uma “seita”. Mas, nos últimos tempos, há muito em movimento na INA. Estão a repensar, por exemplo, a relação com as Igrejas ecuménicas e o

exclusivismo de salvação. Por agora, não é possível prever aonde é que este processo vai conduzir. Será possível afirmar um pouco mais depois da leitura do novo catecismo, em que a INA está a trabalhar, no sentido de precisar a sua teologia de salvação, e que vai ser publicado em 2010.

Dr. Andreas Fincke / Dr. Michael Utsch, Abril 2009

Tradução: Joaquim Nunes